



# A Luiz de Queiroz e o subdesenvolvimento

22 de janeiro de 1961

**E**ncerrando-se o prazo para inscrições aos exames vestibulares à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, verificou-se que nada menos que 305 candidatos, dentre eles 12 moças, se apresentaram a fim de concorrerem às vagas existentes no 1º ano, que totalizam 100 lugares. Quando temos conhecimento de que, até hoje, em 60 anos de vida, a nossa escola de agronomia nunca teve um máximo de candidatos que atingisse 200, desde logo podemos perceber que a carreira agrônoma começa a interessar aos moços de São Paulo, que finalmente atendem ao chamamento da terra e verificam que a riqueza de país ainda, por muito tempo, vai depender do amanho científico do solo.

Em 1925, no O Estado de São Paulo, Fernando Azevedo realizou um inquérito sobre a organização do ensino no país, ouvindo técnicos de renome sobre os vários estágios da educação no Brasil. Sobre o ensino agrícola, duas personalidades de puseram com conhecimento de causa: Navarro de Andrade e Melo Moraes, que na ocasião era catedrático de química da Luiz de Queiroz. Navarro de Andrade, técnico de profundo conhecimento sobre o problema abordado, criticou o abandono a que o governo paulista relegava a escola de Piracicaba, reduzida mais a fachada e a prédios vistosos, mas sem verbas para aparelhamento condigno; citou a pobreza de sua biblioteca, que contava apenas com a verba de seis contos de reis por ano para aquisição de livros e conserva-

ção, sendo que, por cúmulo, em certo exercício, o diretor havia devolvido intacta a verba, que não fora utilizada. Melo Moraes, em sua resposta, preconizava a dinamização da Escola, a montagem de laboratórios, os trabalhos de pesquisas nos campos, e paralelamente, a instalação de estações experimentais, que servissem de laboratórios na natureza para as diversas culturas, nas várias zonas do Estado, a fim de que os estudos fossem balizados na realidade das práticas agrícolas.

Nesse tempo, a Escola Politécnica de São Paulo tinha um curso de engenheiros agrônomos, que foi extinto por duas razões na ocasião aventadas; por ser muito dispendioso e por não haver concorrência de alunos interessados em suas aulas. O resultado foi que, quando o Brasil necessitou de técnicos para a sua infra-estrutura agrária, teve que recorrer a elementos estrangeiros, contratados a bom preço, e que aqui vinham inteiramente inadaptados às realidades ecológicas brasileiras, levando tempo enorme para tirar as suas próprias conclusões frente aos problemas de nossas culturas, tudo em desabono da prática e da ciência agrônomicas.

Muito tempo precisou decorrer para que a carreira agrônoma se impusesse como uma necessidade nacional. Na corrida que hoje verificamos, rumo à industrialização intensiva do país, acelerando o êxodo dos campos, urge intensificar a técnica e a ciência nas práticas agrícolas, para que menor número de pessoas nos campos venha a oferecer produção maior, abastecendo os centros consumidores e promovendo o necessário equilíbrio do

binômio agricultura-indústria, base da riqueza e da prosperidade nacional.

Eis que a Luiz de Queiroz atrai as atenções da mocidade estudiosa de São Paulo. O engenheiro agrônomo, hoje, é profissional disputado no crescente mercado de trabalho de São Paulo. Mal recebem os seus diplomas em Piracicaba, já têm ofertas de várias origens, para iniciar seus trabalhos imediatamente. É o reconhecimento de que não se pode mais tratar empiricamente os problemas do campo, agora que a tratorização vai acelerar os trabalhos agrícolas, dando-lhes a amplitude jamais sonhada no Brasil.

Ouvimos do dinâmico diretor da Luiz de Queiroz, professor Hugo Leme, que, se necessário, pugnará pelo desdobramento dos cursos, fazendo com que mais alunos sejam admitidos no tradicional estabelecimento de ensino superior agrônomico. É medida patriótica e sábia, que deve merecer amplo apoio da Congregação e das autoridades universitárias. É preciso que o extraordinário patrimônio material, e mais do que isso, esse cabedal esplêndido de ciência e técnica, venham a render mais e mais, produzindo os engenheiros agrônomos de que precisa o país, na marcha magnífica que vai empreender, para romper a barreira do subdesenvolvimento.

*Republicação dos artigos de Fortunato Losso Netto, em homenagem ao seu centenário de nascimento (1910-2010). Texto publicado originalmente em 22 de janeiro de 1961. Optou-se pela correção ortográfica atual.*